



---

## A tela, a rima e o spray: experimentações interculturais na universidade

Kary Emanuelle Reis Coimbra\*

### Resumo

Este trabalho é um relato de experiência da atividade extensionista Universid'arte, ocorrida no ano de 2024 em uma universidade no interior do Piauí. Partindo do objetivo de evidenciar o papel da extensão universitária na decolonização do saber racializado e no fortalecimento da interculturalidade, realizamos a observação, a descrição e análise qualitativa de um conjunto de intervenções artísticas produzidas por jovens negros no ambiente acadêmico. Os resultados do projeto demonstram o potencial formativo, integrador e socializador de atividades artísticas desenvolvidas em uma cidade não metropolitana. Apesar dos desafios financeiros e operacionais, a extensão universitária representa uma importante pedagogia decolonial na abordagem de temáticas que ultrapassam os muros da universidade e atravessam nosso cotidiano, como a questão racial. Tratar o tema por meio de atividades artísticas pluraliza os processos de ensino-aprendizagem e fortalece aspectos interculturais no ambiente acadêmico, além de contribuir para a valorização da produção artística de jovens negras e negros da região.

**Palavras-chave:** extensão universitária; decolonialidade; interculturalidade.

**The screen, the rhyme, and the spray: intercultural experimentations at the university**

### Abstract

This paper is an experience report of the extension activity Universid'arte, which took place in 2024 at a university in the interior of Piauí, Brazil. Starting from the objective of highlighting university extension and art education as pedagogies for the decolonization of racialized knowledge and for strengthening the leadership of Black youth, we provide a qualitative description and analysis of the actions carried out, based on participant observation. The project results demonstrate the educational, integrative, and socializing potential of artistic activities developed within universities in inland cities. Despite financial and operational challenges, university extension represents an important decolonial pedagogy for addressing issues that go beyond the university walls and permeate our daily lives, such as racial issues. Addressing this topic through artistic activities diversifies teaching-learning processes, strengthens intercultural aspects within the academic environment, and contributes to valuing the artistic production of young Black men and women from the region.

**Keywords:** university extension; decoloniality; interculturality.

**La pantalla, la rima y el aerosol: experimentaciones Interculturales en la Universidad**

### Resumen

Este trabajo es un informe de experiencia de la actividad extensionista Universid'arte, realizada en el año 2024 en una universidad del interior de Piauí, Brasil. Partiendo del objetivo de visibilizar la extensión universitaria y la educación artística como pedagogías para la descolonización del conocimiento racializado y para el fortalecimiento del protagonismo juvenil negro, realizamos una descripción y un análisis cualitativo de las acciones llevadas a cabo, a partir de la observación participante. Los resultados del proyecto demuestran el potencial formativo, integrador y socializador de las actividades artísticas desarrolladas en la universidad en ciudades del interior. A pesar de los desafíos financieros y operativos, la extensión universitaria representa una importante pedagogía descolonial en el

---

\* Doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora (UFPI). Coordena o Núcleo Decolonial de Estudos e Práticas em Organizações, Cultura e Sociedade (NUDES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5716-7712>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3442401626574662>. E-mail: karycoimbra@ufpi.edu.br.

abordaje de temáticas que trascienden los muros de la universidad y atraviesan nuestra vida cotidiana, como la cuestión racial. Abordar el tema a través de actividades artísticas pluraliza los procesos de enseñanza-aprendizaje, fortalece los aspectos interculturales en el entorno académico y contribuye a la valorización de la producción artística de jóvenes negras y negros de la región.

**Palabras clave:** extensão universitária; decolonialidad; interculturalidad.

## INTRODUÇÃO

Como pensar a universidade em mirada decolonial e intercultural? Este tem sido um questionamento presente nas investigações de pesquisadores brasileiros alinhados às epistemologias do sul, decoloniais e contra-coloniais, cujo foco está no compromisso ético-político de uma formação crítica, emancipadora, cidadã, plural e efetivamente inclusiva. Neste trabalho trazemos essa reflexão, com objetivo de pôr em evidência o papel da extensão universitária na decolonização do saber racializado e no fortalecimento da interculturalidade a partir de atividades artísticas. Trata-se de um movimento de meta-análise sobre a universidade como reproduutoras das estruturas coloniais-modernas, o que exige, mais do que a produção de conhecimento, a produção de uma nova práxis.

Enquanto movimento teórico, epistemológico, ontológico e político, a decolonialidade propõe-se a questionar a colonialidade estruturante da sociedade moderna e suas consequências no cotidiano. A colonialidade diz respeito à estrutura de poder capitalista e eurocêntrica erigida a partir da modernidade. Além da dimensão do poder, a colonialidade também se expressa nas dimensões do ser e do saber, responsável pela determinação social e política dos seres, suas relações e sua produção de conhecimento (Quijano, 2005; Mignolo, 2010; Maldonado-Torres, 2007).

A estrutura colonial-moderna fundamenta-se na segregação, na segmentação dos seres, colocando o homem-branco-cisgênero-heterossexual-cristão como sujeito padrão. Na trilha das narrativas oficiais, as histórias, memórias e vivências de pessoas negras, moradores de periferias, comunidade LGBTQIAPN+ e outros são ocultadas, marginalizadas, subalternizadas, criminalizadas, impossibilitando que suas produções teóricas, acadêmicas, sociais, artísticas, culturais e religiosas tenham representatividade na sociedade. A invenção do outro como ser inferiorizado é, assim, produto da modernidade-colonialidade (Castro-Gomez, 2005; Dussel, 1993; 1997).

A colonialidade do ser-saber-poder, enquanto estrutura global, é responsável pela ordenação da vida social, os modos de ser, estar e se relacionar no mundo, criando e difundindo

valores pessoais e institucionais. A colonialidade do saber se expressa na tradição de difusão de conhecimentos eurocentrados por todo o globo, colocando-se como narrativa oficial e hegemônica em detrimento de saberes produzidos em outros territórios. Isso significa que, a partir do colonialismo, a universidade fora do ocidente foi sistematicamente ocidentalizada: longe de difundir saberes e culturas locais e regionais, reduziu-se historicamente à apreensão e reprodução de teorias oriundas do Norte Global. Os saberes ocidentais, embora produzidos em uma região particular do globo, universalizaram-se como saber oficial. Nas palavras de Porto-Gonçalves (2005, p. 3), “há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias”.

O impacto direto da colonização do conhecimento nas escolas e universidades foi a criação de currículos que privilegiam as narrativas oficiais ocidentais e seu corpo de teóricos em detrimento de saberes produzidos nas culturas nacionais, regionais e locais dos territórios fora do ocidente, sobretudo os latino-americanos e africanos. O privilégio epistêmico e o monopólio do conhecimento dos ocidentais, “tem gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo” (Grosfoguel, 2016, p. 25). Nessa perspectiva, a abordagem da história e da cultura de povos não ocidentais foi sistematicamente negada de participar dos processos formativos da escola e da universidade.

Fruto da nossa história recente, mudanças importantes foram incorporadas à legislação educacional do Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) a partir do desenvolvimento de normativas voltadas para a inclusão obrigatória da temática História e Cultura Africana, Afro-Brasileira (Lei 10.639/03) e Indígena (Lei 11.645/08) no currículo oficial da rede de ensino básico brasileiro (Brasil, 1996; 2003; 2008). Para Coelho e Coelho (2013), a Lei 10.639/03 redefiniu os rumos da política educacional brasileira ao propor um saber escolar com vistas a alterar visões de mundo, redimensionar a memória, criticar mitos, enfrentar preconceitos. Este instrumento normativo permite a incorporação de “agentes esquecidos ou dimensionados de forma deturpada, abandonando a perspectiva eurocêntrica, soberana até então (Coelho; Coelho, 2013, p. 70).

Tais mudanças representam um avanço da de(s)colonização dos currículos desde o nível básico da educação, sobretudo no Brasil, país herdeiro das consequências do colonialismo europeu. A abrangência da legislação, entretanto, ainda se coloca como um desafio, tendo em vista a efetividade de sua implementação não apenas nas escolas, mas também nas universidades. As orientações para o ensino superior vieram da Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004, do Conselho Nacional de Educação (CNE). Segundo a normativa, em Art 2º, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas

e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática. § 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. § 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o **reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros**, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas (CNE, 2004, p. 1 – grifo nosso).

Pensar a interculturalidade na universidade envolve desde a continuidade da política educacional de acesso de discentes negros e indígenas no sistema educacional de nível superior, concretizada pela Lei de Cotas, até aspectos mais estruturantes relacionados ao funcionamento do ensino universitário, como a modificação dos currículos, a capacitação de docentes e a disponibilidade financeira das instituições em viabilizar ações de pesquisa e extensão. No escopo das universidades brasileiras, além do ensino e da pesquisa, a extensão constitui importante via para explorar a temática de modo a contemplar, para além da comunidade universitária, a presença também da sociedade civil no debate e nas práticas educacionais de valorização da cultura afro-brasileira. Para Bezerra e Colares (2024), a extensão é uma função acadêmica que representa o compromisso das instituições de ensino superior na ampliação do conhecimento e recursos gerados para além dos espaços universitários, contemplando também a comunidade em geral, revelando a dimensão da missão social da universidade brasileira. É nessa mirada que apresentamos aqui a extensão universitária como pedagogia para explorar a temática intercultural e decolonial a partir da práxis.

### A experiência extensionista em relato: considerações metodológicas

A experiência que trazemos para relato e análise diz respeito ao planejamento e à operacionalização de evento extensionista vinculado à Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, na cidade de Picos, interior do estado. O objeto de estudo em questão foi o “Universid’arte”, uma ação do Projeto de Extensão “Decolonialidade na Universidade: arte, teoria e método”, organizado pelo Núcleo Decolonial de Estudos e Práticas em Organizações, Cultura e Sociedade. Surgiu com a proposta de viabilização de espaço para promoção, trocas e construções conceituais-experienciais no campo temático da decolonialidade, a partir do desenvolvimento de atividades teóricas, metodológicas e artísticas.

Seguindo uma abordagem qualitativa e descritiva, a condução do relato partiu da técnica de observação participante. Apresenta-se aqui, portanto, a descrição e análise das ações desenvolvidas sob a perspectiva da coordenadora do projeto. A técnica de observação participante permite uma descrição minuciosa dos elementos de uma dada situação, o que possibilita o contato direto a realidade observada, considerando: 1) seus aspectos particulares 2) as especificidades do local e suas circunstâncias, 3) a temporalidade, 4) as ações e suas significações, 5) as relações interpessoais e sociais envolvidas e 5) as atitudes e os comportamentos diante da realidade (Chizzotti, 2017). Para Carlos Brandão (2006, p. 18), a pesquisa participante possibilita a prática de métodos alternativos no campo da educação e, no caso específico desta pesquisa, a observação acerca da “formação, participação e mobilização de grupos humanos e classes sociais antes postas à margem de projetos de desenvolvimento socioeconômico, ou recolonizadas ao longo de seus processos”. Em termos epistemológicos, essa investigação dialoga com a perspectiva decolonial por oferecer uma análise da realidade e produção de conhecimento considerando a subjetividade do pesquisador/observador, isto é, contrariando frontalmente a perspectiva de neutralidade científica de cunho positivista.

Além de dois professores coordenadores – um do curso de Administração e um do curso de Licenciatura em Educação do Campo – também integraram a equipe cinco estudantes, sendo quatro do curso de Administração e um do curso de Letras. O projeto ocorreu sem financiamento e a participação dos discentes que integraram a equipe organizadora foi voluntária. A ação teve como eixo fundamental o oferecimento de eventos acadêmicos, sociais e artístico-culturais que tematizassem perspectivas não hegemônicas acerca da realidade

social, oferecendo espaço para discussão e ação de sujeitos histórica e hegemonicamente subalternizados pela centralidade do poder/saber/ser eurocêntrico/ocidental.

Para Quijano (2005), um dos pilares de sustentação da colonialidade é a ideia de raça, criada a partir da empreitada colonial para organizar de papéis e lugares sociais que engendraram o privilégio do branco e a subalternização do negro, posições vigentes até a atualidade. Nesse sentido, o planejamento dos eventos envolveu a escolha intencional da temática racial, com uma programação que versasse sobre diferentes perspectivas e manifestações culturais da negritude. Para a condução das atividades, foram convidados/as artistas que atendessem aos seguintes critérios: jovens (15 a19 anos), negros/as, piauienses e estudantes universitários.

Desenvolvido ao longo do ano de 2024, o projeto foi lançado com um Bate-Papo com artista da região, com transmissão ao vivo pela plataforma Instagram. Após o lançamento, foram realizados três eventos (Quadro 1), em perspectivas artísticas distintas, todas relacionadas ao debate de questões étnico raciais e valorização da produção artística da negritude: um Cinedebate, uma Amostra *Hip Hop* e uma Oficina de *Graffiti*. Os eventos ocorreram de forma presencial, em espaços de sociabilidade da universidade, como pátio, refeitório e salas de aula, intencionalmente escolhidos para atender aos objetivos de cada atividade. A divulgação foi direcionada para os discentes da própria comunidade universitária, assim como para jovens da comunidade em geral, com participação inteiramente gratuita.

**Quadro 1 - Ciclo de atividades do projeto de extensão**

Atividades	Estratégia de ação	Segmento artístico
Cinedebate	Exposição de filme brasileiro seguido de debate com participantes, mediado por docente convidado.	Cinema/Audiovisual
Amostra <i>Hip Hop</i>	Oficina de Rima e Apresentações de <i>hip hop</i> no pátio da universidade	Música e Dança - <i>Rap</i> e <i>Breaking</i>
Oficina de <i>Graffiti</i>	Oficina de <i>Graffiti</i> e Intervenção artística com grafiteação de refeitório da universidade	Artes visuais - <i>Graffiti</i>

**Fonte:** a autora (2025).

Entre as dificuldades as ações, destacamos a ausência de financiamento do projeto, o que limitou a quantidade e a dimensão das ações, além de ter demandado a busca por patrocínios de empresas locais. Em se tratando de atividades artísticas, certa infraestrutura organizativa se faz necessária para garantir a qualidade das atividades. Isso ocorreu mais

especificamente na Oficina de *Graffiti*, que exigiu materiais como tintas, sprays e outros utensílios de pintura. A universidade colaborou com a cessão de material de papelaria e o custeio de transporte, hospedagem e alimentação de ministrantes externos ao *campus*. Este fato revela a crise financeira das universidades em meio a sucessivos cortes orçamentários, fato que se agrava nos *campi* fora de sede.

## **UNIVERSID'ARTE: ARTE & EXTENSÃO DECOLONIAIS NO INTERIOR DO PIAUÍ**

O Universid'arte como o nome sugere, suscita a realização de eventos artísticos no espaço universitário. Compreendendo a importância das manifestações artísticas na formação universitária, o evento foi arquitetado em função da necessidade de maior oferecimento de programação artístico-cultural em uma universidade pública na cidade de Picos, interior do Piauí. A cidade sertaneja fica a cerca de 300km da capital Teresina, possui uma população de 83.090 habitantes (IBGE, 2022) e ocupava, em 2020, a quarta posição no ranking econômico dos municípios do Piauí (SEPLAN, 2022).

O lançamento do projeto ocorreu com uma seção virtual de bate-papo, transmitida ao vivo pela plataforma Instagram do núcleo de pesquisa e extensão ao qual o projeto estava vinculado e conduzida pelos professores coordenadores. O artista convidado para a transmissão foi o jovem Wellington, estudante do curso de Administração do campus, natural da cidade de Jaicós. Assinando artisticamente como DABLYW<sup>1</sup>, o artista atua como *rapper*, MC de batalha e *slammer* e já participou de concursos culturais, sendo finalista em eventos estaduais e regionais, como o Campeonato de *Slam* Piauiense<sup>2</sup> e a Batalha do Sertão<sup>3</sup>. Aos 22 anos lançou, de forma independente, seu primeiro álbum, com composições próprias e em parceria com outros artistas do *rap*. O objetivo do bate-papo consistiu em explorar as vivências de um jovem negro e suas experimentações no meio artístico, lançando luz sobre a convergência da cultura *hip hop* com a cultura local e os desafios da produção cultural em cidades do interior do Piauí. A utilização de uma plataforma digital para a veiculação do evento levou o fato próprio de que as mídias sociais possuem utilização significativa pela juventude, além do alcance que a virtualidade proporciona.

---

<sup>1</sup> [https://www.instagram.com/dablyw\\_/](https://www.instagram.com/dablyw_/)

<sup>2</sup> [https://www.instagram.com/slampiaui\\_/](https://www.instagram.com/slampiaui_/)

<sup>3</sup> <https://www.instagram.com/batalhadosertaobp>

No bate-papo, Dablyw menciona que sua relação com a arte iniciou na infância, no contato com as músicas que tocavam no rádio em uma conjuntura de precariedade de serviços públicos em sua cidade natal. Para ele, a música e posteriormente o hip-hop adquiriram centralidade em sua forma de expressar, “estando no meio do mato, falando de arte”. A fala evidencia a penetrabilidade da cultura hip-hop nas pequenas cidades, além das dificuldades da produção artística nesse contexto. Dablyw associa a realidade das cidades interioranas com as periferias urbanas “pela falta de perspectiva”, “a necessidade de contar a nossa história é igual”. Suas músicas refletem, assim, essa relação do jovem com suas vivências periféricas.

Após o lançamento, o primeiro evento do Universid’arte foi a exibição do filme nacional “Marte Um”, lançado em 2022 e dirigido por Gabriel Martins, “filme de baixo orçamento de uma produtora independente reconhecida por seus trabalhos pelo público e crítica, realizado com verba de edital público de ações afirmativas” (Schvarzman, 2024, p. 89). A obra, indicada para representar a cinematografia brasileira no Oscar daquele ano, coloca em cena o cotidiano de família negra na periferia de Belo Horizonte, Minas Gerais. Um dos destaques da obra é a atuação de um elenco majoritariamente negro. A Figura 1 ilustra o cartaz oficial do filme. O protagonista Deivinho está deitado olhando para o céu em noite estrelada e acima dele está a representação do planeta Marte.

**Figura 1 – Cartaz oficial do filme Marte Um**



**Fonte:** Instagram da produtora Filmes de Plástico (2022). Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/Cg4cU9vuuV1/>

O filme foi exibido em um auditório da universidade e o debate foi mediado por uma professora convidada, socióloga e doutora em educação. Compareceram cerca de 15 pessoas, todos discentes da universidade. A baixa participação indicou a necessidade de melhor e maior divulgação, principalmente ao público externo à universidade. A despeito da organização do evento, o quantitativo de participantes também contribui para o pressuposto que deu origem ao projeto de extensão, qual seja a pequena oferta de atividades artístico-culturais no campus, além do *habitus* dos alunos de cidades interioranas quanto ao envolvimento em tais atividades.

Cabe ressaltar que grande parte dos discentes do campus são oriundos de pequenos municípios no entorno cuja população oscila entre 5.000 e 30.000 habitantes, estimativamente. Atualmente, Picos é a única cidade com cinema nesta região, em funcionamento desde o ano de 2022<sup>4</sup>. Diferentemente das capitais, que contam com maior oferta de equipamentos artístico-culturais, as cidades do interior possuem limitações nessa dimensão social, o que levanta o questionamento acerca da escassez de políticas culturais municipais. Tais fatos ajudam a compreender o papel da arte em lugares áridos não apenas em termos climáticos, mas também culturais.

Após a exibição do filme, vários debates foram suscitados no exercício hermenêutico da trama: no âmbito do trabalho, o emprego de porteiro que ocupa o pai e o de empregada doméstica que ocupa a mãe da família demonstram a intersecção entre raça e classe social, evidenciando a larga participação da população negra adulta, com baixa escolaridade, no desempenho de atividades ligadas a segurança – caso do pai – ou no âmbito da limpeza, cuidado do lar e da família, como no caso da mãe.

A contestação da posição hegemônica na pirâmide social do trabalho relegada à população preta e pobre do país aparece com a atuação e ideação dos filhos: a filha é estudante universitária do Direito e o filho é um adolescente que, apesar de incentivado pelo pai a ser jogador de futebol, sonha em ser astrofísico, inspirado na figura de Neil deGrasse Tyson, cientista negro estadunidense. Tais papéis possuem grande representatividade, tendo em vista que tanto o campo jurídico quanto o científico foram historicamente usufruídos pela elite branca brasileira, herdeira dos privilégios da metrópole. Esses e outros temas foram abordados no debate realizado após exibição do filme, com envolvimento ativo dos participantes,

---

<sup>4</sup> Em 2025 foi inaugurado o primeiro teatro da cidade, nomeado Sávio Barão, em homenagem a um dos principais entusiastas do teatro na região.

evidenciando que as consequências da colonialidade ainda se fazem presentes em nossa sociedade.

Obras audiovisuais e cinematográficas materializam a abstração de categorias teóricas sociais, econômicas e culturais, facilitando a compreensão das temáticas por sua aplicabilidade no cotidiano, constituindo importantes recursos pedagógicos. Em uma perspectiva multissemiótica, a aula expositiva tradicional pode ser complementada por uma sessão de cinedebate, representando uma formação mais inclusiva e democrática e oportunizando o desenvolvimento do senso crítico e do sentido de participação e contribuição dos discentes. Para Almeida (2017), a relação entre cinema e educação elucida o cinema como ferramenta pedagógica e produtora de sentidos, destacando dimensões sociológicas e didáticas, além de evocar aspectos como a criatividade e a sensibilidade no ato pedagógico.

Diante da pujança de filmes *hollywoodianos*, a utilização de produções audiovisuais brasileiras em atividades educativas é importante estratégia decolonial no sentido de promover valorização e identificação da juventude com a arte nacional. No estado Piauí, de modo geral, esse aspecto é acentuado devido à ausência de curso de graduação na área do cinema. As iniciativas filmicas ocorrem pela atuação de coletivos como o Cocais Filmes<sup>5</sup>, que, assim como a produtora audiovisual de Marte Um, também atua de modo independente, com financiamento de editais públicos de cultura.

O segundo evento realizado durante o projeto de extensão envolveu o planejamento, organização e execução de uma Amostra *Hip Hop*, cuja programação contemplava uma Oficina de Rima e um momento de Apresentação da cena *hip hop* local, com performances de *slam*, batalha de rima e *breaking*. A oficina de rima foi conduzida por Dablyw, que participou do bate-papo de lançamento do projeto, e do MC e *B-boy* Wall Sousa<sup>6</sup> – veterano do movimento *hip-hop* na cidade de Jaicós e um dos fundadores do coletivo de hip-hop Ubuntu Bronx Crew<sup>7</sup>.

Inicialmente, a comunidade juvenil afeita ao *hip hop* foi convidada para participar de um momento formativo, com exposição dos oficineiros sobre breve história do *hip-hop*, principais *rappers* brasileiros e técnicas de criação das rimas utilizadas nas apresentações. Inscreveram-se e participaram 25 pessoas na Oficina de Rima (número máximo ofertado pela organização). O segundo momento foi realizado em espaço aberto do campus, situado ao lado

---

<sup>5</sup> Anteriormente intitulado Labcine. Para mais, ver: <https://www.instagram.com/cocaisfilmes/>

<sup>6</sup> <https://www.instagram.com/wallsousaub/>

<sup>7</sup> <https://www.instagram.com/ubuntubronxcrew/>

do refeitório, por ser um local de grande fluxo de discentes e um espaço de sociabilidade. O revés da greve docente, deflagrada pela instituição na semana do evento, impactou no volume do público interno, mas contou com participação significativa de jovens que integram coletivos de *hip hop* na cidade, como o grupo Batalha do 89<sup>8</sup>. Entretanto, apesar do esvaziamento do campus em decorrência da greve, cerca de 130 pessoas passaram pelo local das Batalhas, com maior concentração durante o período noturno, um público composto tanto de estudantes como de membros da comunidade *hip hop*.

O último evento do Projeto de Extensão foi a Oficina de *Graffiti*, realizada pelas estudantes do curso de Artes Visuais (Teresina) e grafiteiras no coletivo Bixaria Crew<sup>9</sup> Maria Clara, que assina suas artes como Potiza<sup>10</sup>, e Lorena, que assina Lore<sup>11</sup>. Semelhante ao formato do evento anterior, a programação contou inicialmente com um momento formativo, em que os inscritos na atividade puderam conhecer mais sobre a história, figuras representativas e técnicas relacionadas ao *graffiti*, além de realizarem o rascunho dos desenhos que seriam grafitados posteriormente. Neste momento, compareceram sete dos 16 inscritos. O segundo momento foi a intervenção artística do *graffiti*, realizada no mesmo local do evento anterior: o refeitório. De maneira inesperada, a atividade da grafitagem teve quase o dobro de participantes (12) que o evento prévio, de formação e vários discentes do campus que passavam pelo local perguntavam se também podiam participar e deixar registrada sua arte. Alguns interessados foram dispensados por falta de material.

A oficina representou um marco na história do *campus*, ao reunir discentes dos cursos de Letras, Biologia, Administração, Sistemas de Informação e História em proporcionar uma atividade artística plural e integradora. O evento também contou com a contribuição de Ted Rap<sup>12</sup>, veterano do movimento *hip hop* e do *graffiti* em Picos. Além da participação de discentes, o evento também chamou a atenção de docentes e demais trabalhadores do *campus*, ressaltando a novidade da ação neste espaço.

Além do melhoramento nas formas de divulgação pela equipe organizadora, a realização das atividades em áreas comuns no campus e a divulgação pessoal entre os alunos

---

<sup>8</sup> [https://www.instagram.com/batalha\\_do\\_89/](https://www.instagram.com/batalha_do_89/)

<sup>9</sup> <https://www.instagram.com/bixariacrew/>

<sup>10</sup> <https://www.instagram.com/potizaa/>

<sup>11</sup> <https://www.instagram.com/lorenapch/>

<sup>12</sup> <https://www.instagram.com/tedrap.oficial/>

interessados pelas atividades constituíram significativos fatores para a participação. Apesar da disponibilização de inscrições prévias, a maior parte do público adveio dos transeuntes que passavam durante as atividades e que tinham sua curiosidade despertada para o que ocorria, o que sugere que a realização de tais eventos tanto revela o público interessado quanto estimula novos participantes. Esse comportamento foi bem marcante nos eventos que ocorreram em espaço aberto, como as Batalhas da Amostra *Hip-Hop* e a parte intervencionista da Oficina de *Graffiti*.

No Piauí, os cursos de graduação em Música e Artes Visuais são disponibilizados pela Universidade Federal do Piauí, no campus da capital, o que faz com que artistas que habitam cidades do interior tenham mais dificuldade de acesso à formação universitária. Daí a importância da realização de atividades artísticas em locais sem a oferta de formação em tais áreas.

A seguir, as figuras 2 e 3 ilustram o momento formativo da Amostra *Hip-Hop* e da Oficina de *Graffiti*. O posicionamento dos/as jovens à frente da sala de aula e os/as participantes sentados em semicírculo, posições bastante negligenciadas no cotidiano das práticas educacionais, cuja figura do professor ao centro e as cadeiras enfileiradas ainda refletem a forte presença de uma educação bancária. Metodologias como essa questionam fazeres educativos tradicionais, com forte hierarquização do saber, redimensionando o ato pedagógico para os discentes, colocando-os com papel ativo na construção do conhecimento.

No caso de estudantes negros, esse protagonismo tem sua potência elevada, dada a histórica exclusão e marginalização desta população dos espaços educacionais em grande parte da história do país. É o que Barcellos (2022) e Fidalgo (2022) chamam de “protagonismo”, o domínio do povo preto sobre suas próprias histórias, práticas e manifestações culturais – e, ao mesmo tempo, a denúncia do privilégio da branquitude como protagonista histórico em todas as dimensões do social.

**Figura 2 – MC's ministrando Oficina de Rima**



**Fonte:** acervo do projeto (2024)

**Figura 3 – Discentes universitárias e grafiteiras ministrando Oficina de Graffiti**



**Fonte:** acervo do projeto (2024)

O conteúdo apresentado pelos jovens tem em comum a referência aos elementos do movimento *hip hop*, oriundos das periferias dos Estados Unidos, centrado nas figuras dos *DJs*, *MCs*, *B-boys* e no *Graffiti* (Buzo, 2010). De modo específico, a primeira oficina centrou-se no elemento “MC” enquanto a segunda oficina detalhou aspectos do elemento “graffiti”. O saber compartilhado não é de natureza científica – generalizável, verificável –, mas vivencial, experiencial, cultural. Escancara o cotidiano de um lugar específico – o da periferia – e a arte como um escudo de resistência e espada de enfrentamento aos privilégios que já tem vez e voz.

A rima do *rapper* Sabotage deixa nítida a mensagem: *rap* é compromisso! É a sonorização do cotidiano e a reafirmação constante da existência. Oliveira, Sathler e Lopes (2020) apontam o *rap* como importante instrumento de arte-educação, responsável pela produção de formas de mobilização, conscientização e intervenção político-social. O grupo musical Racionais MC's é, certamente, um dos nomes mais representativos da cena *rapper* nacional não apenas pelo pioneirismo do gênero no Brasil, mas pela representatividade e historicidade embutidas nas rimas.

O álbum lançado em 1990, “Holocausto Urbano”, inaugurou a carreira do grupo. O nome do álbum representa uma forte provocação ao contexto de violência e de mortes nos subúrbios paulistas. Em 1997, o grupo lança o álbum “Sobrevivendo ao Inferno” que, para muitos, é o maior álbum de Rap nacional da história, com letras ácidas, críticas e socialmente impactantes. O Racionais foi responsável por expor o que ocorria nos subúrbios e periferias e que boa parte da população brasileira desconhecia. Em 2002, o grupo lança “Nada como um dia após o outro”, consolidando sua carreira e adquirindo respeito no cenário musical brasileiro. É deste álbum a clássica canção “Diário de um detento”, música sobre a violência sofrida pelos detentos no Massacre do Carandiru em 1992 (Oliveira; Sathler; Lopes, 2020, p. 4).

O *grafitti*, por sua vez, denuncia a estrutura hegemônica colonial-moderna de forma visual. Não está em museus ou em leilões, mas nas ruas e encruzilhadas. Estampa nos muros e nos prédios a arte periférica. Também popularizada das periferias estadunidenses, o *graffiti* nasceu o pixo como intervenção urbana, como ilustrado no slide da apresentação da figura 3. Essa ligação reverbera os sentidos negativos da arte, ainda que o *graffiti* tenha ganhado mais aceitabilidade nos últimos anos. Por outro lado, enquanto a pichação ainda é considerada crime ambiental, em 2024 a Lei 14.996 reconheceu a charge, a caricatura, o cartum e o grafite como manifestações da cultura brasileira, garantindo sua livre expressão e o dever do poder público em preservá-las (Brasil, 2024).

Ao considerarmos o *rap* e o *graffiti* como manifestações de resistência, evocamos o que bell hooks (2019, p. 157) chama de estética da existência, “enraizada na ideia de que a carência material de modo algum poderia impedir alguém de olhar para o mundo criticamente, de reconhecer beleza, ou de usá-la como uma força para reforçar o próprio bem-estar interno”. Para além do campo filosófico relacionado à beleza, a autora concebe a estética um modo de habitar espaços com determinadas formas de maneira de olhar e de se tornar.

Seja o que fosse que os afro-americanos criassem na música, na dança, na poesia, na pintura, seria visto como uma forma de testemunho, pondo em xeque o pensamento racista que sugeria que as pessoas negras não eram plenamente humanas, que eram incivilizadas, e que isso seria demonstrado pela nossa incapacidade coletiva de criar uma “grande” arte. A ideologia supremacista branca insistia que as pessoas negras, por serem mais animais do que humanas, não dispunham de capacidade de sentir, de modo que não tinham como mobilizar as sensibilidades mais refinadas que proporcionavam um terreno fértil para a arte (bell hooks, 2019, p. 157).

As figuras 4 e 5 abaixo ilustram, respectivamente, o momento socializador e interventor da Amostra de Hip Hop e da Oficina de *Graffiti*, mais especificamente a roda de batalha de rima e a grafitejagem das colunas do pátio do campus. É a abordagem da temática intercultural via práxis, com atividades ocorrendo em ambientes abertos, para além das paredes da sala de aula, convidando o público universitário a juntar-se, apreciar e participar das ações. É a universidade colocando em prática aquilo que muitas vezes fica restrito à verborragia acadêmica, dando mais ênfase às discussões teóricas de professores do que à efetiva participação de alunos na narr(ação) de suas vivências. É a superação do academicismo e do conhecimento científico como preponderante, desconsiderando saberes e experiências outras.

**Figura 4 – Batalha de Rima no pátio da universidade**



**Fonte:** acervo do projeto (2024)

**Figura 2 – O graffiti no campus**



**Fonte:** acervo do projeto (2024)

A cena *hip hop* no interior do Piauí – assim como em territórios do Sul Global – nos revela a dialética envolvida na produção e consumo artístico-cultural contemporâneo: de um lado, o alcance e a penetrabilidade do imperialismo estadunidense na dimensão cultural que, na perspectiva das indústrias culturais, possui um consumo significativo em diversas partes do globo em detrimento mesmo de produções locais, a exemplo da música e do cinema; e, de outro, as adaptações e inventividades de populações outras regiões. Tal fato deixa em evidência o aspecto global *versus* regional/local na criação e consumo de produtos culturais, salientando a presença da colonialidade do poder e do ser no âmbito artístico.

É nesse cenário que ganhar força a arte-educação como instrumento transformador da realidade social, “como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da formação de ideias e expressão da criatividade, causando assim a promoção de uma aprendizagem significativa” (Rodrigues; Souza; Treviso, 2017, p. 114). Em uma perspectiva decolonial de arte, isso significa sacudir os confortos teóricos mantidos pelo sistema da arte hegemônico, considerando experimentações de artistas indígenas, negros e negras e dissidentes de gênero, na inter-relação entre artista e não artista, em direção à superação da exclusão histórica desses grupos dos circuitos das artes (Simões, 2021).

Como se vê, o projeto representou uma experimentação estética exitosa no campo da arte-educação intercultural, chamando a atenção para a necessidade de revisionismos na academia brasileira quanto à pluralidade do repertório didático-pedagógico, sobretudo em cidades interioranas. Seu resultado é um convite à comunidade acadêmica docente e administrativa a assumir uma postura ético-política que contribua para romper com o monopólio da colonialidade na educação e atue frontalmente no fomento de práticas mais autônomas e emancipadoras, com foco no protagonismo estudantil. Esperamos futuramente dar continuidade ao projeto, ampliando seu escopo e também integrando a pesquisa à extensão, de modo a apreender a percepção dos participantes e de demais membros da comunidade sobre as ações e seus impactos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No rol das discussões críticas contemporâneas, destaca-se a temática da de(s)colonização do saber – historicamente eurocentrado, patriarcal, atribuído de raça e gênero –, no que se refere à atualidade e potencialidade das ações político-pedagógicas no âmbito das

instituições educacionais. Sendo a Universidade uma instituição secular, não escapa à certa reprodutibilidade da ordem social. Se, no âmbito teórico-epistemológico, a Universidade tem se constituído como espaço para problematizações sobre a estrutura dominante da sociedade moderna, por outro lado, no âmbito prático, o exercício de desconstrução/reestruturação de padrões socioculturais segue uma marcha mais lenta (Coimbra, 2024).

Entretanto, a Universidade também se constitui como lócus de discussão e prática inter/transdisciplinar no campo da ciência, da arte e da cultura, podendo fortalecer-se como espaço estratégico para o fomento de eventos que possibilitem a discussão, a desmistificação, a valorização, a respeitabilidade e a convivência plural e democrática das diferenças. Ainda que implementado com uma estrutura pequena, dada a limitação de recursos, o projeto Universid'arte oportunizou a ressignificação do espaço universitário interiorano por meio da reunião da produção artístico-cultural coletiva de sujeitos não-hegemônicos mediante a integração da comunidade acadêmica com a sociedade civil.

Ao longo do trabalho, exploramos a diversidade no ambiente universitário tanto na dimensão pedagógica, apontando os projetos e atividades extensionistas como um importante pilar para explorar temáticas transversais, quanto na dimensão sociocultural, destacando a necessária abordagem da questão racial e a valorização de manifestações artísticas negras neste espaço formativo. Resultou no enfrentamento intercultural ao mito da democracia racial, que muito contribuiu para minimizar as questões raciais na cultura do país, fortalecendo práticas racistas tanto no âmbito individual quanto institucional.

Em vista disso, o projeto proporcionou impactos sobretudo na dimensão sócio-estética, colocando em evidência produções artísticas marginalizadas como o *Hip-Hop*, o *Rap* e o *Graffiti*, e ressaltando a importância da arte como de instrumento didático-pedagógico de(s)colonial. Ao adentrar espaços institucionais, como a universidade, essas expressões artísticas rompem com o silenciamento histórico de sujeitos marginalizados, possibilitando o enfrentamento a discursos preconceituosos e a ampliação de uma sociedade intercultural e verdadeiramente democrática. Ademais, o projeto lançou luz sobre a necessidade de maior investimento nos *campi* interioranos do Estado do Piauí, da ação conjunta entre universidade e governos municipais na criação de projetos mais perenes e políticas públicas intersetoriais que auxiliem na ampliação e no fortalecimento de ações artísticas regionais, favorecendo a interculturalidade.

Políticas públicas no campo da educação têm avançado nas últimas décadas no sentido de criação e implementação de normativas que promovem a reformulação de currículos e projetos políticos pedagógicos excludentes e essencialistas. No entanto, ainda que tal prática apresente vislumbres de um horizonte educacional com mudanças significativas na concepção e nas práticas das gerações futuras sobre história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, avanços ainda são necessários, sobretudo na realidade da multicampia. Quais as especificidades da educação intercultural aplicadas nesses contextos? Quais os principais desafios da implementação de práticas didáticas em territórios interioranos, cuja conjuntura social, cultural e econômico apresenta contornos por vezes substancialmente distintos ao de universidades instaladas em capitais?

No âmbito da educação superior, de modo geral, atividades de extensão constituem importantes ferramentas de(s)coloniais interculturais, tanto pela maior flexibilidade na diversidade de possibilidades de ações quanto na perspectiva inclusiva 1) de discentes, ao participarem ativamente do processo de construção de conhecimento por meio da ação e 2) da comunidade, que é convidada a conhecer e participar das produções universitárias. A potência das atividades de extensão está na ampliação dos conhecimentos para além dos espaços universitários. Isso é de grande valia em um estado como o Piauí, que ocupava, em 2022, a terceira posição entre os estados com menor PIB per capita do país (Agência IBGE, 2024) e a liderança na taxa de analfabetismo (Agência IBGE, 2023). Além disso, atividades educacionais que envolvam outras linguagens, rompendo com certo eruditismo da academia, facilitam o diálogo com a comunidade, aproximando-a do ambiente universitário. A arte como produtora de sentidos e representações, torna-se grande aliada na luta pela de(s)colonização do saber, do poder, do ser e do viver.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA IBGE. **Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste.** 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>. Acesso em 10 abr. 2025.
- AGÊNCIA IBGE. **Em 2022, PIB cresce em 24 unidades da federação.** 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41893-em-2022-pib-cresce-em-24-unidades-da-federacao>. Acesso em: 10 abr 2025.

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, 2017.

BARCELLOS, Valéria. “Pretagonismo”, por que ele incomoda tanto? In: FRANÇA, Rodrigo; RAYMUNDO, Jonathan (Orgs.). **Pretagonismos**. Rio de Janeiro: Agir, 2022.

BEZERRA, Adrielle Nara Serra; COLARES, Anselmo Alencar A extensão universitária no Brasil: concepções e influências. **Revista Pemo**, Fortaleza, v. 6, 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo. (Orgs.). **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 14.996, de 15 de outubro de 2024**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/l14996.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14996.htm). Acesso em: 07 abr. 2025.

BUZO, Alessandro. **Hip-hop: dentro do movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. CLACSO: Buenos Aires, Argentina, 2005.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

CNE. **Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em 28 abr. 2025.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cesar. Os conteúdos étnico-raciais na educação brasileira: práticas em curso. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 67-84, jan./mar. 2013.

COIMBRA, Kary Emanuelle Reis. Precisamos falar sobre violência acadêmica: a universidade como lócus de reprodução de violências coloniais. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 49, n. 2, p. 1098-1112, maio/ago. 2024.

DUSSEL, Enrique. **1492**: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: conferências de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. Trad. Sandra Tarbaucco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997.

- FIDALGO, Sabrina. **Pretagonismos**. In: FRANÇA, Rodrigo; RAYMUNDO, Jonathan (Orgs.). **Pretagonismos**. Rio de Janeiro: Agir, 2022.
- GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemocídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-9, jan./abr., 2016.
- HOOKS, Bell. **Anseios: Raça, Gênero e Políticas Culturais**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- IBGE. **Cidades e Estados**. Picos. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/picos.html>. Acesso em 12 jan 2025.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago, Grosfoguel, Ramón. (Compiladores). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del Signo, 2010.
- OLIVEIRA, Esmael Alves de; SATHLER, Conrado Neves; LOPES, Roberto Chaparro. Rap como educação para a resistência e (re)existência. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambienalt.** Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p. 388-410, jun., 2020.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina /n: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- RODRIGUES, Rafaela Nathalia Larocca; SOUZA, Leonardo Jeronymo de; TREVISO, Vanessa Cristina. Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, v. 4, n. 1, p. 114-126, 2017.
- SANTOS, Sales Augusto dos. **Educação: um pensamento negro contemporâneo**. - Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014. Ebook.
- SCHVARZMAN, Sheila. O protagonismo negro enfim faz sucesso: a autorrepresentação em Medida Provisória e Marte Um. **MATRIZes**, São Paulo, v.18, n. 2, p. 87-109, mai./ago., 2024.
- SEPLAN. **Seplan apresenta PIB dos Municípios 2020**. Publicado em 2022. Disponível em: <https://antigo.pi.gov.br/noticias/seplan-apresenta-pib-dos-municipios-2020/>. Acesso em 16 jan 2025.
- SIMÕES, Alessandra. Ahora e a vez do “decolonialismo” na arte brasileira. **Revista Visuais**, n. 12, v. 7, 2021.

**Recebido em:** Junho/2025.

**Aprovado em:** Outubro/2025.